

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**ANA JÚLIA KOTHE**

**LITERATURA NA SALA DE AULA: FORMANDO SUJEITOS  
LEITORES**

**PORTO ALEGRE  
2016**

ANA JÚLIA KOTHE

**LITERATURA NA SALA DE AULA: FORMANDO SUJEITOS  
LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso para a formação no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do professor Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino.

PORTO ALEGRE  
2016

Ana Júlia Kothe

## **LITERATURA NA SALA DE AULA: FORMANDO SUJEITOS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso para a formação no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do professor Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. William Moreno Boenavides  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Maurício dos Santos Gomes  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## RESUMO

A proposta desse trabalho é refletir sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras a partir de experiências de leituras literárias. A educação escolar tem papel fundamental na formação de cidadãos críticos e participativos em uma sociedade, sendo as aulas de literatura de extrema importância, pois, é onde os alunos têm a oportunidade de vivenciar e compartilhar práticas sociais de leitura. Para isso, portanto, é necessário que o professor realize uma seleção das obras literárias a serem trabalhadas durante todo o Ensino Médio da Educação Básica. Ao longo do trabalho, destaco como esse método é realizável através de práticas de leitura a partir da poesia de Fernando Pessoa – seleção da obra realizada pela lista de leituras obrigatórias do concurso de vestibular UFRGS 2017. Desse modo, e trabalhando com a atualidade da obra (não com a contemporaneidade), contribui-se para a formação de leitores literários.

**Palavras-chave:** ensino; literatura; práticas sociais; experiências de leitura

## ABSTRACT

The purpose of this work is to reflect on literature teaching in Brazilian schools based on literary reading experiences. School education has an essential role in the development of critical and engaged citizens in a given society, thus, literature classes are extremely important because it is when students have the opportunity to experience and share reading social practices. For this is necessary that the teacher prepares a selection of literary works to be studied during the whole high school and elementary school. In this work, by focusing on Fernando Pessoa's poetry, I highlight how such method is viable through reading practices – selection of literary work carried out by the list of required reading vestibular contest UFRGS 2017. Thus, and working constantly with the book's current aspects (not with contemporaneity), it contributes to the improvement of literary reader's education.

**Keywords:** education; literature; social practices; reading experiences.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
1.1	Minha formação literária .....	7
1.2	Tema e descrição dos capítulos .....	8
<b>2</b>	<b>O ENSINO DE LITERATURA NAS ESCOLAS</b> .....	10
2.1	Notas para uma brevíssima história do ensino de Literatura .....	11
2.2	A literatura na sala de aula .....	11
2.3	Objetivo das aulas de literatura .....	13
<b>3</b>	<b>A ESCOLA E O ESTUDO DE OBRAS LITERÁRIAS</b> .....	15
3.1	Motivações para a leitura .....	15
3.2	Leituras selecionadas .....	17
3.3	Concursos de vestibular moldando o ensino .....	18
<b>4</b>	<b>O ENSINO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS LITERÁRIAS</b> .....	20
4.1	Contextualizando a escola .....	20
4.1.1	A Escola .....	20
4.1.2	As turmas .....	20
4.1.3	As aulas de Língua Portuguesa e Literatura .....	21
4.2	Projeto a ser desenvolvido .....	22
4.3	Desenvolvimentos das aulas .....	23
4.3.1	Aula 1: Introdução a vida e obra de Fernando Pessoa .....	23
4.3.2	Aula 2: Modernismo português a partir da leitura de dois poemas de <i>Chuva Obliqua</i> .....	24
4.3.3	Aula 3: História de Portugal a partir da leitura de poemas de <i>Mensagem</i> .....	25
4.3.4	Aula 4 e 5: Apresentação de seminário sobre a poesia lírica .....	26
4.3.5	Aula 6: Atividade de verificação de leitura .....	26
4.4	Avaliação .....	27
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	28
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	29
	<b>ANEXOS</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

A educação escolar tem papel fundamental na formação de cidadãos críticos, participativos e reflexivos, não só na comunidade escolar, mas também na sociedade como um todo. Assim, o ensino de Língua Portuguesa e Literatura busca trabalhar com textos de diferentes gêneros discursivos visando desenvolver uma atitude responsiva. Esta atitude produz uma reação da parte do leitor e a capacidade de, a partir da leitura e da escrita, resolver problemas do cotidiano em esferas públicas e privadas (FILIPOUSKI et al., 2009).

Mas como fazer para despertar, de fato, essa atitude responsiva diante de uma leitura? Através do propósito de ensino de Língua Portuguesa e Literatura proposto por Britto (2004): “garantir ao aluno o acesso à escrita e aos discursos que se organizam a partir dela” e do conceito de Bakhtin (DI FANTI, 2009), de que toda a comunicação se dá através de gêneros do discurso, indissociáveis da atividade humana e realizados em esferas sociais nas quais os indivíduos interagem; as aulas de Literatura possuem um papel fundamental nessa formação do aluno como um sujeito crítico e um ser social. Além, é claro, o de promover a formação do leitor literário.

### 1.1 Minha formação literária

Minha experiência escolar com as aulas de Literatura no Ensino Médio (onde há, pela primeira vez na Educação Básica, uma disciplina específica para essa matéria), não foi capaz de realizar nada do mencionado a cima. Permitiram-me, porém, o conhecimento de períodos literários, através da história da literatura; o conhecimento de resumos (ou apenas trechos selecionados) de obras literárias; e a memorização de datas e características de cada movimento literário. Informações parcas – diante de todos os questionamentos que a Literatura nos propicia – que constam em qualquer Manual de Literatura Brasileira, sendo realizada, dessa forma, uma leitura *sobre* as obras literárias, e nunca a leitura *das* obras literárias.

Entretanto, ainda no Ensino Médio, um professor foi fundamental para minha formação como leitora de literatura, o de História. Ele, a cada trimestre, solicitava a leitura de uma obra literária. Era a nossa única oportunidade, dentro do ambiente escolar, de ler, conhecer, e discutir uma obra na íntegra, mesmo que fosse por indicação/obrigação de um professor. Lembro-me da leitura proposta por ele no terceiro ano do Ensino Médio: *Revolução dos bichos*, de George Orwell, quando estávamos estudando, obviamente, a Revolução Russa. Não foi necessário que o professor, assim como em *O Mestre Ignorante* de Rancière (2011), realizasse nenhuma

explicação ou intervenção nos contextualizando em relação ao que estava acontecendo no livro, que personagem/animal representava quem na história da revolução. Conforme íamos lendo e tendo aulas sobre o assunto, nós, os alunos, buscávamos sentido no livro.

E, dessa forma, o professor despertou nos meus colegas e em mim a vontade de ler, aproximando-nos de obras consideradas clássicas, sem, em nenhum momento, mencionar a importância dessas leituras para a nossa formação. Fomos nós, os alunos, que compreendemos o valor da obra lida. E foi, a partir de uma leitura de caráter obrigatório solicitada por um professor, que despertou-me o interesse e a curiosidade por outro livro desse autor: *1984*. E, diante dessa curiosidade, formei o meu clássico: *Admirável Mundo Novo*.

## 1.2 Tema e descrição dos capítulos

Diante da minha experiência de leitura literária solicitada dentro do ambiente escolar (e realizada fora desse espaço), que não partiu das aulas de Literatura, e sim das de História; e de observações realizadas em sala de aula, o objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso é refletir sobre o ensino de literatura nas escolas e como instigar a formação de leitores de literatura. Penso que o centro das aulas e o objeto de ensino é a experiência de leitura do livro e, para que isso ocorra, é necessário que a leitura das obras literárias seja realizada fora do ambiente escolar. Como um reflexo da graduação em Letras da UFRGS, o trabalho é bastante teórico e pouco prático, estruturado em capítulos:

Primeiramente, aponto, alguns caminhos percorridos pelo ensino de literatura no Brasil. E como os documentos governamentais trazem o ensino de literatura nas escolas brasileiras; ensino esse que não está cumprindo o papel de formador de leitores literários. Na medida em que um texto literário não existe fora da materialidade onde circula (impresso, jornal, livro, digital), ele deve ser considerado nas relações entre o autor e o leitor. Ou seja, o texto está relacionado com a realidade social e histórica da produção do texto e da recepção pelo aluno.

No capítulo três, *A escola e o estudo de obras literárias*, destaco que a motivação para a leitura da maioria dos jovens em idade escolar se dá por “exigência escolar”, conforme aponta a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2012). Diante disso, ressalto a importância do professor em trabalhar com leituras selecionadas, de forma processual durante todo o Ensino Médio, firmando o contrato de leitura com os alunos. Apresento também, como uma lista de leituras obrigatórias para um concurso de vestibular acaba moldando o ensino de literatura de algumas instituições.



O quarto capítulo apresenta o funcionamento das aulas de Literatura a partir de experiências de leituras literárias, trabalho esse realizado em uma escola pública localizada no bairro Agronomia, em Porto Alegre. As leituras selecionadas pelo professor, no terceiro ano do Ensino Médio, partem do edital do concurso do vestibular para ingresso na UFRGS no ano seguinte. Diante disso, estruturo um projeto de ensino a partir de poemas do Fernando Pessoa – poemas que constam na listagem de leituras obrigatórias para a realização do CV-UFRGS 2017.

Ao longo de todo o TCC, penso em um ensino de Literatura que permita ao aluno relacionar as obras lidas com a sua realidade, vendo a funcionalidade da literatura como algo presente no seu cotidiano. Cabe ressaltar que este ensino pressupõe a leitura da obra literária e não se trata de aulas sobre Literatura, mas de inserção do aluno no campo literário, no qual ele pode ocupar os lugares de leitor, interlocutor, e de autor, produzindo sua resposta às obras lidas. Além disso, parto do princípio de que a função da escola é formar cidadãos críticos e pensantes, capazes de se valer de uma obra literária para pensar e refletir não só em si próprios, mas também na construção da sociedade.

## 2 O ENSINO DE LITERATURA NAS ESCOLAS

Um dos grandes problemas encontrados nas aulas de Literatura da escola, atualmente, é o distanciamento entre esta disciplina e a realidade do aluno. Textos trabalhados apenas como pretextos para ensino de períodos literários, a desvalorização do conhecimento prévio do aluno, a idolatria dos clássicos como “a verdadeira Literatura” – essas práticas escolares comuns no dia a dia resultam em um desserviço para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. O texto literário é visto como uma leitura feita apenas dentro da realidade escolar, enquanto o que é lido fora do ambiente da escola é classificado como não-literatura. Como afirma Cosson (2007), estamos diante da falência do ensino da literatura: “seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. Através da literatura, é possível sensibilizar, reagir, denunciar, apoiar ou combater valores que a sociedade impõe, sejam eles positivos ou prejudiciais. É na ficção, na poesia ou na ação dramática que estão presentes situações, experiências e problemas que permitem ao leitor olhar para o seu próprio mundo e refletir sobre o seu cotidiano. “Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação” (CANDIDO, 1988).

Os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (2009), também vão ao encontro das ideias propostas pelos teóricos acima, afirmando a importância da leitura para o desenvolvimento da cidadania e da humanização do aluno:

[...] ler textos de gêneros variados, de modo a reagir diante deles, e, com atitude crítica, apropriar-se desses textos para participar da vida social e resolver problemas; produzir textos de modo seguro e autoral, não apenas em situações cotidianas da esfera privada, como em esferas públicas de atuação social. (FILIPOUSKI et al., 2009, p. 54).

Esse documento, entretanto, apresenta o ensino de Literatura conjuntamente com o de Língua Portuguesa, formando uma única disciplina. Apesar de a proposta ser válida, uma vez que ambas as matérias trabalham com o mesmo objeto de ensino – o texto –, os Referenciais tendem ao apagamento da Literatura no sentido de não a considerarem uma disciplina real, utilizando-a apenas como instrumento para a prática da Língua Portuguesa.

A literatura não é apenas instrumento para a prática de uma língua, não é a atividade de leitura nela e por ela mesma, e por isso precisa de *status* de disciplina: a leitura do texto literário é um ato solitário, sim, mas sua interpretação é um ato solidário – entre autor e leitor e entre outros leitores. É na escola que grande parte dos mecanismos de interpretação usados são

aprendidos e onde é possível socializar conhecimentos de leitura, afinal, “os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos” (COSSON, 2007).

### **2.1 Notas para uma brevíssima história do ensino de Literatura**

No texto *Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?* Regina Zilberman (2009) aponta brevemente a história do ensino de Literatura. No final do século XIX e no século XX no Brasil, esse ensino era realizado no último ano do *Ginásio*, através da leitura e memorização de alguns trechos de obras canônicas. Manoel Bandeira relata que seu aprendizado nessas aulas foi o que estava no livro adotado em sala de aula. Nas aulas de Latim, ao invés de estudar as obras literárias de Virgílio ou Lucrécio, por exemplo, o professor focava nas formas e declinações da língua. Em contrapartida, o professor de História Universal e do Brasil do autor modernista foi o que mais o ensinou Literatura. Ou seja, as aulas de Literatura não tinham (e, infelizmente, ainda não tem) a preocupação com a formação de leitores literários. O interesse dos alunos pela literatura parte de algo exterior às aulas.

A partir da década de 1970, começou-se a estudar as obras contemporâneas e autores vivos, podendo ser ou não materiais literários ou linguísticos (como o uso de reportagens de jornais, histórias em quadrinhos ou textos produzidos pela mídia), privando, assim, os alunos de qualquer história literária. Atualmente, como aparece em documentos (Parâmetros Curriculares Nacionais e Referenciais Curriculares), o objeto de ensino é o texto, tanto oral como escrito, a fim de auxiliar o aluno a utilizar a linguagem mais apropriada em determinado gênero do discurso. Assim, as aulas de Literatura passaram a ser as aulas “em que se educa para ler, não para a literatura” (ZILBERMAN, 2009).

A trajetória do ensino da literatura mostra que, se por muitos séculos, privilegiou-se o conhecimento dos clássicos e do cânone consagrado, nas últimas décadas, primeiro jogou-se ao mar a carga histórica; depois, foi abandonada a própria literatura, desfeita na definição imprecisa de texto. (ZILBERMAN, 2009, p.18)

### **2.2 A literatura na sala de aula**

No Ensino Fundamental, o ensino de Literatura é realizado conjuntamente ao de Língua Portuguesa, formando uma única disciplina. É através de textos, dos mais variados gêneros, que se tem o conhecimento do funcionamento da língua (língua em uso) para agir, de forma crítica, nos diversos discursos. No Ensino Médio, a literatura, com o *status* de disciplina, aparece pela

primeira vez na escola. São três anos direcionados para a discussão e reflexão da Literatura em Língua Portuguesa. Mas o que está sendo realizado nesse período?

Segundo Cosson (2007) o ensino de literatura tem sido limitado à história da literatura brasileira:

[...] quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entres estilos de épocas, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários quando aparecem, são fragmentados e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes. (COSSON, 2007, p. 21).

Esse ensino de literatura ultrapassado tem uma grave consequência na formação de jovens leitores: criam uma “aversão” e um distanciamento dos clássicos da literatura brasileira, e procuram, assim, outro tipo de leitura fora do ambiente escolar. Os alunos acabam buscando uma leitura que se aproxime de sua realidade e de seu conhecimento literário; aqueles livros que circulam em seu contexto social – seja por indicações de amigos, ou pelos meios publicitários – e que tenham uma linguagem mais compreensível. É o que o caderno de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p.63) chama de *escolhas anárquicas*: aquelas leituras que são escolhidas fora do ambiente escolar e de forma aleatória, pela capa ou pelo título, e não possuem um critério autêntico<sup>1</sup> para a leitura da obra.

Com o intuito de aproximar o conteúdo trabalhado nas aulas com a realidade dos alunos, a matéria das aulas de Literatura passou a ser *textos*: reportagens, canções, filmes e outros produtos culturais, de leituras mais rápidas e interativas, se valendo da justificativa de que no “mundo contemporâneo” a imagem e a velocidade se fazem mais presentes no dia a dia dos alunos, e assim, não há porque insistir na leitura de textos literários (COSSON, 2007). Entretanto, é justamente devido a essa aceleração do mundo, onde tudo é efêmero e transitório e onde os textos midiáticos de acesso rápido e momentâneo são os mais procurados (basta ver o sucesso de sites como o *netflix* e *youtube*) que, há, sim, que insistir na leitura de textos literários! É através deles que será possível qualificar a quantidade imensa de informações ínfimas.

Há, também, a falácia de que os jovens de hoje em dia não gostam e não se interessam por leituras; porém, como isso seria possível se tudo a nossa volta é texto? Quando há interesse em determinado assunto, procuramos obter maior conhecimento sobre ele, buscando novas

---

<sup>1</sup> Interesse de leitura que parta do aluno e não de um interesse de mercado ou uma imposição da mídia

informações que nos expliquem melhor tal assunto. Lemos e interpretamos o tempo todo. O papel da escola, e sobretudo, o da literatura é direcionar a leitura do aluno a textos literários de forma que faça sentido e que eles se sintam motivados a lê-los.

### **2.3 Objetivo das aulas de literatura**

A Literatura é um bem cultural relevante para a aquisição de uma consciência estética, histórica e moral dos alunos e, conseqüentemente da sociedade; por isso que estudar as obras literárias nas aulas de Literatura é de extrema importância. Elas oportunizam o aluno a conhecer as diversidades socioculturais e a acompanhar o desenvolvimento de temas através de toda a história da humanidade, além de, auxiliar na formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico. Essa forma como a Literatura é ensinada, hoje, em sala de aula, favorece as escolhas de leitura sem um critério autêntico, criando um obstáculo entre as obras literárias (quando citadas em sala de aula) e as obras lidas fora do ambiente escolar, contribuindo assim para a *falência do ensino*. Cabe às aulas de literatura amenizar essa barreira literária, instigando os alunos nas escolhas das obras, de forma mais criteriosa, a serem lidas fora do ambiente escolar, contribuindo assim, para a formação de leitores literários.

Atualmente, uma política educacional que está gerando muita discussão é a criação de uma Base Nacional Comum Curricular. No que tange ao ensino de Literatura, esse documento se estrutura em “perceber a literatura como universal e atemporal” (BRASIL, 2015). Para isso, é proposto que no primeiro ano do EM se inicie o estudo a partir da leitura de produções literárias de autores da literatura brasileira contemporânea e, no terceiro ano do EM, encerre os estudos com autores da literatura brasileira dos sécs. XVIII, XVII e XVI, sempre com a intenção da aproximação da realidade dos alunos.

A proposta de uma Base Nacional para o ensino é válida; porém, o estudo de autores contemporâneos, nem tanto. Cosson (2007) atenta para a diferença de uma obra contemporânea e uma obra atual: aquela, refere-se a um livro escrito e publicado nos dias de hoje; e esta, a um livro que faça sentido nos dias de hoje, independente da época em que foi escrito. Ou seja, a mitologia grega é uma obra atual, pois os dilemas e os questionamentos apresentados por ela se mantêm nos dias de hoje. São problemas humanos e sociais que ainda não foram resolvidos, e nunca serão. A construção e a formação de uma sociedade são dilemas que perpassam por milênios. Basta que se faça as referências certas para que se aproxime do aluno. É através da atualidade da obra, seja contemporânea ou não, que é possível gerar algum interesse de leitura no aluno. Trata-se de aproveitar o fascínio que jovens leitores têm pelo universo mítico e

mágico, que vem dos gregos e alcança séries com Harry Potter ou Percy Jackson. Nos dois casos, temos adolescentes em formação, fora de lugar no mundo prosaico da modernidade, que encontram lugar na dimensão mágica ou mítica que subjaz invisível e na qual passam a ser inseridos. Mais uma vez a pergunta se volta para o modo como a escola se abre e dialoga com a literatura que existe no mundo de hoje.

Sendo assim, no capítulo seguinte, proponho refletir sobre o ensino de Literatura que queremos para o nosso aluno e que o motive a dar continuidade, fora da sala de aula, a sua formação literária. Um ensino que leve o aluno não somente a compreender a obra literária e a dar um sentido ao texto, e sim, a que ele seja capaz de realizar uma leitura crítica dessas obras, baseada em reflexão, análise e avaliação; fazendo referências e usando-as no seu dia a dia, percebendo que, por mais que seja uma obra escrita no século passado, ela é atual e intertextual. Bem como, levar o aluno a produzir sentido a partir do diálogo leitor-texto e outros leitores (colegas), para que se conheça um pouco mais da história de um povo em um dado momento histórico-cultural. E, principalmente, contemplar a dimensão social das práticas de leitura.

É nas aulas de Literatura que os alunos terão o conhecimento de alguns livros e isso auxiliará para outras escolhas de leitura fora do ambiente escolar. Todo o ensino e, especificamente o de Literatura, tem por objetivo a formação de leitores (literários ou não) para além da escola. E esse é o papel do professor de Literatura na escola: incentivar e fazer com que o aluno queira ler tal obra (independente se ser canônica ou não) fora do ambiente escolar.

### 3 A ESCOLA E O ESTUDO DE OBRAS LITERÁRIAS

Esse vazio provocado no ensino de Literatura no Ensino Médio demanda uma seleção de obras literárias por parte do professor, que permita uma formação mais significativa para o aluno, pois, a partir dessa leitura:

É possível compartilhar impressões sobre o texto lido, agimos do mesmo modo como quando acabamos de assistir a um filme: evidenciamos a particularidade de nossas leituras com apreciação individuais sobre personagens, narradores, valores, etc., emitimos o nosso ponto de vista, nossas impressões sobre vários aspectos da leitura - todas elas *legítimas*, portanto. (BRASIL, 2006, p.70)

A escola poderia e deveria proporcionar esse mesmo debate, despertado após assistir a um filme, nas aulas de Literatura, gerando assim, práticas sociais de leitura. É preciso que o ensino de Literatura se volte a obras literárias, não se fixando em momentos históricos ou textos midiáticos.

No texto *Leitura e autoria: planejamento em língua portuguesa e literatura* (2012), Simões nos apresenta alguns questionamentos sobre a formação do leitor literário e como o professor fará a seleção dos livros a serem trabalhados pelos alunos. A obrigatoriedade de leitura é um termo que não deve ser usado pelo professor, pois, a carga semântica da palavra interfere negativamente na recepção da obra pelos alunos. São necessários estudo e planejamento sistemático das aulas de literatura para despertar o engajamento do aluno pela leitura: a seleção das obras deve estar dentro de um projeto de ensino, havendo assim, um sentido na leitura de tal livro. Através disso, o professor incentiva e desafia os alunos a terem o conhecimento da obra, e a leitura deixa de ser algo obrigatório e passa a ser um obstáculo a ser alcançado pelo aluno, possibilitando assim, a formação continuada do leitor. Oferecer uma relação de obras para que o aluno (supostamente) realize uma escolha de leitura, a fim de tentar diminuir esse caráter de obrigatoriedade não é uma alternativa. A obrigatoriedade da leitura continua presente, só está disfarçada, e permanece gerando, assim, um desgosto pela leitura. E, como proceder, ao longo das aulas, se a turma é composta por (no mínimo) trinta alunos, e cada um irá realizar a leitura de um livro diferente?

#### 3.1 Motivações para a leitura

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2012), realizada através do Instituto Pró-livro, consiste em avaliar o comportamento do leitor brasileiro. Uma das perguntas a qual o

entrevistado é submetido é sobre a motivação para a leitura de um livro. Os entrevistados podem assinalar três opções das seguintes: “Prazer, gosto ou necessidade espontânea”, “Atualização cultural/Conhecimento”, “Exigência escolar/acadêmica”, “Motivos religiosos”, “Atuação profissional”, “Exigência do trabalho”, “Não sabe”.

A terceira edição, publicada em 2012, traz os seguintes resultados por faixa etária (a pesquisa é realizada com a faixas etárias até maiores de 70 anos, porém, apresento apenas os dados relativos a idade escolar regular):

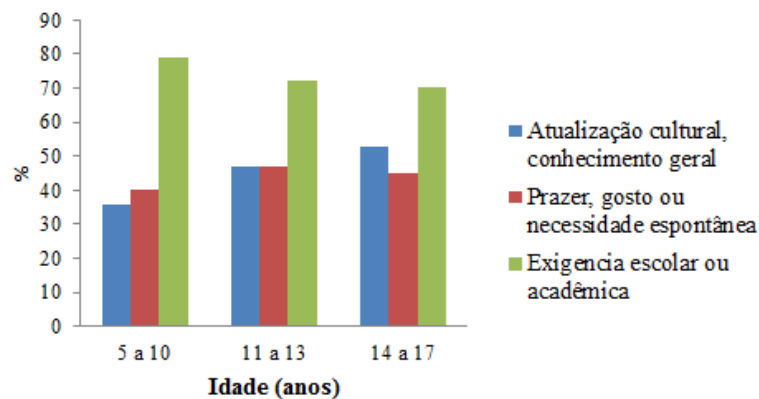


Gráfico 1: Motivações para ler um livro

O gráfico demonstra que a grande maioria dos jovens têm a sua motivação para a leitura por exigência escolar e, conforme a idade aumenta, essa motivação diminui (79%, 72% e 70%, respectivamente); porém, não aumenta, na mesma proporção, a motivação de leitura por prazer (40%, 47% e 45%). Essas duas motivações deveriam ser inversamente proporcionais, enquanto uma diminui, devido ao fato dos jovens estarem saindo da escola, a outra aumentaria pelo mesmo fato.

Conclui-se, então, que os jovens/alunos, na sua maioria, apenas leem porque a instituição exige uma leitura; o prazer, gosto ou necessidade espontânea e atualização cultural/conhecimento ficam em segundo lugar nas motivações para a leitura. Ou seja, os alunos têm a motivação para a leitura através da sala de aula. A “exigência escolar”, tal como apontada na pesquisa, é incontornável, mas impõe ao professor de literatura pensar um modo que essa necessidade não se justifique como obrigação vazia. A leitura literária deve ser colocada como forma de inserção do aluno numa realidade viva, e não como apenas uma leitura a ser realizada para a aula.



### 3.2 Leituras selecionadas

A partir disso, é necessário que a escola realize um compromisso com a formação de leitores literários. Durante toda a educação básica, as instituições devem apresentar aos alunos o conhecimento da diversidade cultural, trazendo para a sala de aula manifestações artísticas, de qualquer grupo ou classe social, veiculada por diferentes suportes – oral ou escrito. Pois toda vivência artística, de qualquer grupo, comunica uma experiência particular do mundo.

O professor [...] precisa manter variada lista de títulos indicados, a fim de atender diferentes expectativas dos leitores. Nessa lista, conterão textos de natureza e complexidade diversa, sem preconceito em relação à literatura de massas, mas com obras canônicas em quantidade representativa. (FILIPOUSKI et al., 2009, p. 60)

O professor precisa selecionar as leituras literárias a serem trabalhadas ao longo de todo o ano, – e nos três anos do EM, de forma processual, trabalhando com diferentes gêneros do discurso e aumentando a complexidade das obras. Firmando com os alunos um *contrato de leitura* (SIMÕES, 2012; FILIPOUSKI et al., 2009): um compromisso pré-estabelecido entre docentes e discentes para a realização da leitura de textos extensos fora do ambiente escolar; e, dentro do ambiente escolar é realizada a troca de experiências de leituras, de forma a estimular a produção autoral dos alunos e a construção de novas aprendizagens.

Para realizar essa seleção, livros e autores do cânone literário escritos em língua portuguesa devem estar sempre presentes, pois, é a partir dessas obras que se tem o conhecimento da nossa língua e, conseqüentemente, da identidade do Brasil e da sociedade em que vivemos. Para isso, o professor deve ser o intermediário entre o livro e o aluno, fazendo com que essa leitura seja viável, através de uma preparação para a leitura e contextualização, sem deixar de fora a experiência do aluno. No texto *Porque ler os Clássicos?* (1993), Ítalo Calvino afirma que é obrigação da escola dar instrumentos que possibilitem o aluno a efetuar uma opção de leitura posterior à da escola; e esses instrumentos baseiam-se na apresentação dos clássicos a ele, pois, fora desse ambiente, dificilmente os alunos terão acesso a estes textos e a oportunidade de exercitar a crítica.

A partir dessa seleção, o professor constrói um conjunto de práticas sociais que envolva o autor-leitor-texto. Essas relações socializadas dentro do ambiente escolar, através da leitura de obras literárias (clássicas ou não), o contato com as obras e a experiência de leitura de textos literários, é como o aluno vai aprender a ler literatura. Permitindo, assim, que ele possua eventos de *letramento literário*. Quanto maior o contato com os livros – uma forma solidificada de discurso – que o aluno mantiver no ambiente escolar, maior será o seu repertório de leitura e

assim, maior também será a promoção da intertextualidade, possibilitando que ele se aproprie de outros textos (discursos) para a construção do seu. Não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone (COSSON, 2007). Dessa forma, ao sair do ambiente escolar, o aluno poderá realizar, a partir de critérios próprios, uma escolha de leitura. E, é essa escolha que possibilitará ao leitor a construção de sua “biblioteca particular” dos clássicos. Ou seja, é a partir da leitura de uma obra literária (aprendida na escola) que é possível dar continuidade a essa formação fora da escola e possibilitar o aluno a ter o “seu” cânone.

Sendo assim, é possível desenvolver a habilidade que envolva a leitura de obras literárias em práticas sociais e despertar o interesse pela leitura (voluntária) de outras obras. Para que assim, ao sair da escola, o jovem continue mantendo uma motivação para a leitura; porém, ao invés da “exigência escolar” que seja por “prazer, gosto ou necessidade espontânea”.

### **3.3 Concursos de vestibular moldando o ensino**

A seleção de obras literárias do concurso de vestibular (CV) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) acaba moldando o ensino de Literatura das instituições de ensino preocupadas com o ingresso de seus alunos à universidade. E se tivéssemos uma lista com leituras obrigatórias para todos os três anos no Ensino Médio a nível nacional? Será que auxiliaria na formação de leitores literários?

André Carlos Moraes (2012) na dissertação *Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011*, realizou uma pesquisa com 263 estudantes que tinham acabado de ingressar em 2011 na UFRGS, a fim de investigar qual o suporte de leitura mais usado (livro, xerox, computador), pelos vestibulandos para a realização das leituras obrigatórias propostas pelo concurso do vestibular. A pesquisa, embora não seja o foco, aponta a quantidade de livros lidos na íntegra pelos aprovados no vestibular e como eles tiveram contato com as obras.

A pesquisa foi realizada com calouros de nove cursos de graduação (Medicina, Direito, Psicologia, Biologia, Veterinária, Publicidade e Propaganda, Engenharia Civil, Letras e Computação). A primeira pergunta realizada por Moraes é quantos livros (de um total de 12) da lista de leituras obrigatórias do vestibular os entrevistados haviam lido na íntegra. A maior média é a do curso de medicina, 8,9 livros na íntegra; a menor é a do curso de publicidade e propaganda, 4,6. Sendo assim, a média geral de livros lidos na íntegra pelos 263 entrevistados, ficou em, aproximadamente, 7 livros. A segunda questão proposta pelo pesquisador é sobre as formas de contato com os 12 títulos da lista do vestibular 2011, ou seja, como os alunos haviam

estudado os livros. Além das opções que envolvem o suporte de leitura como: “leu em livro impresso”, “leu xerox ou apostila”, “leu resumo na internet”; há a alternativa “aprendeu em aula ou grupo de estudo”, e é essa última opção que está no topo das respostas.

Relacionando as duas questões, apenas nos cursos de Medicina, Direito e Letras o índice de livros lidos na íntegra ficou a cima da marcação “aprendeu em aula ou grupo de estudo”. Ou seja, em apenas 3, dos 9 cursos de graduação que a pesquisa foi realizada, os calouros leram as obras na íntegra mais do que a estudaram em sala de aula. A grande maioria dos entrevistados teve contato com as obras literárias (ainda que resumos ou trechos selecionados) a partir da sala de aula. Mostrando assim que, embora seja uma leitura obrigatória para realização de uma prova de vestibular de uma das universidades mais concorridas do Brasil, o vestibulando não teve interesse em ler algumas obras na íntegra. Ainda que, o maior índice de contato com a obra aponte para o ambiente escolar, ele não incentivou e orientou a experiência de leitura na íntegra das obras, apenas trabalhando com textos *sobre* as obras.

A Comissão permanente do vestibular da UFRGS sabendo dessa importante função que exerce no sistema de ensino do Rio Grande do Sul, seleciona criteriosamente a relação de leituras obrigatórias para a prova de literatura. Trazendo autores de língua portuguesa atuais – aqueles que possuem um sentido de leitura nos dias de hoje – sejam contemporâneos ou não. Pois é importante que os alunos tenham a experiência de leitura das obras não apenas para a realização de uma prova escolar ou para um concurso do vestibular, mas sim para as suas formações (literária) como cidadãos críticos e formadores de opinião.

Essa obrigação que a lista de leituras impõe interfere no modo como os alunos receberão as obras. Pode-se pensar em duas formas de relação. Primeiro, trata-se de um conteúdo escolar que deve ser apreendido a fim de passar por um processo seletivo. Trata-se de um instrumento para alcançar um fim, no caso, pragmático, de obter aprovação e entrar no curso superior desejado. Além disso, é possível considerar uma outra forma em que a leitura literária seja uma experiência significativa por trazer um diálogo com a realidade atual.

## **4 O ENSINO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS LITERÁRIAS**

Nas aulas de Literatura de uma escola pública localizada no bairro Agronomia, em Porto Alegre, os alunos trabalham com a experiência de leitura de obras literárias ao longo de todo o Ensino Médio. Nessa escola de ensino básico, os professores e alunos têm a preocupação com a prova de ingresso à instituição de ensino superior referida anteriormente; moldando, assim, todo o ensino da escola. Para as aulas de Literatura do terceiro ano, a seleção de textos trabalhados ao longo de todo o ano é feita a partir do edital do CV UFRGS do ano seguinte.

### **4.1 Contextualizando a escola**

#### **4.1.1 A Escola**

A referida instituição de ensino localiza-se no Bairro Agronomia, onde há, aproximadamente, 700 alunos matriculados, tanto no ensino regular quanto na Educação de Jovens e Adultos. A escola possui uma boa infraestrutura, constituída por três blocos (prédios): A, onde fica uma ampla biblioteca com mesas de estudos, as salas de aula e dos professores da educação infantil e o bar da escola; B, é onde se localizam as salas de aula e dos professores, do ensino fundamental e médio, a sala de informática, laboratórios de química, física e biologia, a secretaria e a direção; e o bloco C, onde fica a sala de teatro e de atividades múltiplas. Além de uma ampla área externa composta por quadras esportivas, campo de futebol e um refeitório. As salas de aula possuem quadros negros um pouco precários, classes limpas e organizadas.

#### **4.1.2 As turmas**

O terceiro ano do Ensino Médio é composto por três turmas, 301, 302, 303. A atual direção do colégio realiza no início de cada ano letivo uma nova composição das turmas, misturando os alunos em diferentes turmas, para que não gere uma competição e para que os alunos socializem e circulem em diferentes grupos. Diante disso, embora cada uma tenha suas particularidades, as turmas são bastante homogêneas.

As turmas 301 e 302 são compostas por 33 alunos e a 302, por 24; os alunos, na sua maioria, são bastante participativos e argumentativos, participando ativamente das aulas. Possibilitando assim, práticas sociais de leitura dentro da sala de aula.

### 4.1.3 As aulas de Língua Portuguesa e Literatura

As aulas de Língua Portuguesa e Literatura são compostas por seis períodos semanais, realizados em diferentes dias, cada um com 45 min de aula, totalizando, assim, uma carga horária de 4,5 h por semana. Nas aulas de Literatura do colégio, ao longo dos três anos do EM, os alunos trabalham com a experiência de leituras de obras literárias fora do ambiente escolar e a prática social dentro desse local.

Observei as aulas de literatura em dois momentos diferentes: no primeiro ano e no terceiro ano do EM. No primeiro ano, os alunos já haviam realizado a leitura de alguns trechos selecionados de *Dom Quixote*, e estavam trabalhando com a leitura de *Os Lusíadas*. Para a leitura de epopeia, o professor dividiu a turma em grupos conforme o número dos cantos (cada grupo ficou responsável por apresentar um canto para a turma). Na apresentação, os alunos usavam seus conhecimentos acerca de outros textos trabalhados anteriormente nas aulas, a intertextualidade estava sempre presente. Dessa forma, foi possível que a turma toda tivesse o conhecimento de toda a epopeia, a partir da leitura dos colegas. Ou seja, o *contrato de leitura* (SIMÕES, 2012) se firma desde o primeiro ano do EM com os alunos e consiste, assim, na leitura de textos extensos fora do ambiente escolar.

Com as observações de aulas realizadas no terceiro ano, pude notar que o professor trabalha bastante com os conceitos de interdisciplinaridade e intertextualidade. No início do estudo do movimento literário modernista, ele solicitou a alguns alunos que explicassem, na aula seguinte, algumas revoltas ocorridas na República Velha como a Revolta da Chibata, Canudos, Guerra do Contestado, Revolta da Vacina (algo que eles estavam vendo na aula de história). Contextualizando, assim, as obras que já haviam sido solicitadas a leitura (*Dom Casmurro* e *O Cortiço*) e que foram trabalhadas nas aulas seguintes, dando um sentido a leitura dos alunos.

A prática social de leitura sobre o livro *Dom Casmurro* funcionou perfeitamente. Os alunos deram a sua opinião sobre o livro, e, quando levantada a questão da dúvida de Bentinho, os alunos demonstraram interesse por essa temática; e o professor, indicou outros dois livros em língua portuguesa que tratam do assunto: *São Bernardo* e *Grande Sertão: Veredas*. Os alunos manifestaram grande curiosidade pelas obras, questionando o professor se eles iam trabalhá-las. O professor respondeu que as leituras realizadas durante aquele ano seriam as obras literárias solicitadas pelo CV 2017, mas, se eles quisessem, poderiam mudar. Como os alunos compreendem a importância da realização do vestibular, preferiram continuar com as leituras propostas anteriormente.

Outro aspecto interessante notado ao longo das observações realizadas, foi a discussão da personagem Capitu e como ela era uma mulher diferente da figura feminina retratada no romantismo. Uma aluna prontamente respondeu que a mulher romântica era bela, recatada e do lar, fazendo referências intertextuais, e assim, afirmando a atualidade das obras. Além disso, um aluno questionou a diferença entre Capitu e Luísa, de *O Primo Basílio*, e a aproximação da escrita de Eça e de Machado.

Enfim, ao longo dos três anos de aulas de Literatura do EM há referências a outros textos e a outros discursos, sempre apontando a atualidade da obra de forma intertextual e interdisciplinar.

#### **4.2 Projeto a ser desenvolvido**

O projeto foi planejado para as aulas de Língua Portuguesa e Literatura nas turmas de terceiro ano do EM. Ele é composto por seis aulas, sendo um projeto aplicável em uma semana de aula. As aulas têm o objetivo de permitir aos alunos a aquisição de uma consciência estética, histórica e moral da sociedade, a partir da leitura de poemas da indicação curricular e da exigência para a realização do vestibular. Ao mesmo tempo, o projeto tem por objetivo uma efetiva leitura dos poemas, de tal modo que essa seja uma experiência significativa para os alunos. São trabalhados alguns poemas de Fernando Pessoa (leitura obrigatória para a realização do CV UFGRS 2017): *Autopsicografia*; *Isto*; *Qualquer música*; *Ela canta, pobre ceifeira*; *Não sei se é sonho, se realidade*; *Viajar! Perder países!*; *Não sei quantas almas tenho*; *Natal... na província neva*; *Liberdade*; *Pobre velha música*; *Chuva Oblíqua V e VI* e cinco poemas da obra *Mensagem: O Infante*; *Padrão*; *Mar português*; *Noite e Nevoeiro*. A partir disso, as aulas oportunizam ao aluno conhecer a diversidade sociocultural e a acompanhar o desenvolvimento de temas através de toda a história da humanidade, além de, auxiliar na formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico. Para isso, além de contextualização da produção de Fernando Pessoa, o interesse foi elaborar um caminho para que os alunos pudessem dar sua resposta aos poemas.

### 4.3 Desenvolvimentos das aulas

#### 4.3.1 Aula 1: Introdução a vida e obra de Fernando Pessoa

Para leitura dos poemas de Fernando Pessoa, é necessário realizar uma atividade de preparação para a leitura. O material (Anexo 1) entregue aos alunos serve como um apoio para o acompanhamento da aula. Ele contém informações do contexto histórico em que o autor português está inserido, alguns aspectos do modernismo português e as características do ortônimo e dos heterônimos do autor português. Do contexto histórico de Portugal, cabe ressaltar que Pessoa viveu em um período crítico do país. Ele presenciou o declínio da monarquia, todo o período da República e quase dez anos do período ditatorial. A aula sobre o modernismo português será a seguinte (aula 2), porém, cabe destacar o seu início em 1915 com a publicação da revista Orpheu, e os principais participantes: Mario de Sá-Cerqueira, Fernando Pessoa, Luís de Montalvor e Almada Negreiros.

Após essa brevíssima introdução, o professor lê o material com os alunos sobre a vida de Fernando Pessoa: nascido em 1888 na cidade de Lisboa, no dia 13 de junho, às 15h20. Pessoa passa a maior parte da juventude em Durban, cidade localizada no sul da África, onde é educado em uma escola inglesa. Devido a isso, inicia sua carreira com a escrita de poemas em língua inglesa. No regresso a Portugal, em 1905, inicia os estudos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde não completa nem um ano de estudos.

No quadro negro, o professor esboça um esquema contendo as informações relevantes sobre o ortônimo e os heterônimos:

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ortônimo – Fernando Pessoa: dualidades</li> </ul>	Eu lírico x Eu empírico Razão x Sensação Sinceridade x Fingimento
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Heterônimos</li> </ul>	Ricardo Reis Aberto Caeiro Álvaro de Campos

O foco da aula está nos heterônimos de Fernando Pessoa, pois o ortônimo será apresentado pelos alunos, através de seminários. Nesse momento o professor solicita a atividade da apresentação do seminário a ser realizado nas aulas quatro e cinco: serão trabalhados dez

poemas da lírica de Fernando Pessoa: *Autopsicografia*; *Isto*; *Qualquer música*; *Ela canta, pobre ceifeira*; *Não sei se é sonho, se realidade*; *Viajar! Perder países!*; *Não sei quantas almas tenho*; *Natal... na província neva*; *Liberdade e Pobre velha música* (Anexo 2).

É importante introduzir o conceito de lírica aos alunos. Para isso, o professor começa com a escuta da canção “Qualquer música” de Fagner (poema de Fernando Pessoa musicado) para, posteriormente apresentar uma declamação do poema, disponível no *youtube*. Assim, o professor, através da leitura de um poema e da escuta, interroga os alunos sobre o sentido, e como uma leitura diferente pode mudar o poema. No poema, há uma busca por algo, que tira o sujeito lírico (mundo interior) da incerteza ou da confusão.

A partir disso, o professor indica a tarefa que os alunos devem realizar ao final: a turma é dividida em nove grupos e cada um ficará responsável pela leitura e reflexão de um dos poemas listados a cima, buscando materiais e formas de ilustração diversificadas: declamação do poema, música, teatro, dança, alguma outra leitura possível do poema. Cabe ao professor, retomar o contrato de leitura com os alunos, pois os grupos deverão ler os poemas e se organizar fora do ambiente escolar. É importante deixar claro aos alunos que os colegas e o professor realizarão perguntas sobre o poema no dia da apresentação.

Após a introdução da atividade a partir do ortônimo, explica-se que os heterônimos (nome diferente) são personagens criados por Fernando Pessoa. Para considerá-los como tal, são necessárias três características fundamentais: nome próprio, biografia e obra com estilo próprio. É realizada a leitura do material que contém as informações sobre cada heterônimo complementando o esquema que está no quadro com características de cada um. Para explicitar melhor as diferenças entre cada poeta, é realizada a leitura de um poema de cada heterônimo. Essas aulas são importantes para que os alunos compreendam a complexidade da obra de Fernando Pessoa, bem como para que eles se familiarizem com a sua escrita e com os dilemas existenciais propostos pelo autor. Isso auxiliará, posteriormente, na apresentação do seminário na aula cinco (detalhado no item 4.3.4).

### **4.3.2 Aula 2: Modernismo português a partir da leitura de dois poemas de *Chuva Oblíqua***

Nas aulas de Literatura anteriores, os alunos já haviam trabalhado com o movimento literário do modernismo brasileiro. Sendo assim, a aula inicia questionando-os acerca dos acontecimentos e as vanguardas realizadas nesse período, para, assim, construir novos saberes a partir de seus conhecimentos. Após, é entregue um material (Anexo 3) contendo informações



sobre o modernismo português e os dois poemas selecionados para o vestibular da UFRGS, de *Chuva Oblíqua, V e VI*,

É realizada a leitura do início do material juntamente com a turma. O referido poema foi publicado na revista *Orpheu*, em 1915, e, por isso, tem fortes referências modernistas. O poema é uma tentativa de trazer a vanguarda do interseccionismo – um processo criativo muito usado por pintores adeptos ao futurismo – para a literatura; porém, não obteve muito sucesso, o próprio Fernando Pessoa abandonou essa técnica de escrita.

A leitura é realizada, primeiramente, de forma silenciosa pelos alunos, para que eles produzam um conhecimento individualmente. Após, o professor apresenta uma leitura que está disponível na *internet* em um site de vídeos (*youtube*), a fim de mostrar aos alunos como uma leitura diferente interfere no significado da sua interpretação. A partir dessa leitura, também, fica mais claro a intenção do modernismo português, de, através da temática da velocidade, mostrar como vive o mundo moderno com relação às máquinas. Por fim, cabe ressaltar que a interpretação desses poemas é um ato construído solidariamente e conjuntamente com colegas e professor, e não solitariamente.

### **4.3.3 Aula 3: História de Portugal a partir da leitura de poemas de *Mensagem***

Como mencionando anteriormente, os alunos já possuem o conhecimento da obra *Os Lusíadas* de Camões, pois foi trabalhado no primeiro ano do Ensino Médio. Então, a aula inicia com questionamentos e retomada da primeira epopeia realizada em língua portuguesa, para trazer o conhecimento do aluno para a sala de aula, através da intertextualidade. Além disso, é importante questioná-los sobre o que eles conhecem da história de Portugal e o que eles estudaram nas aulas de História sobre isso. Assim, a partir das respostas dos alunos, o professor apresenta a obra *Mensagem* a eles.

É distribuído o material (Anexo 4) e realizado a leitura do início dele para explicar um pouco sobre a estrutura do livro de Pessoa. Os poemas selecionados para trabalhar essa obra são: *O Infante, Padrão e Mar português* que encontram-se na segunda parte da obra, *Mar Português*, ou seja, nos tempos de glória de Portugal; e os poemas *Noite e Nevoeiro* estão na terceira parte, intitulada de *O Encoberto*, a história melancólica de Portugal.

A leitura desses poemas será realizada em sala de aula e, além disso, o material elaborado contém espaços em branco, em que cabe ao aluno preencher com as informações contempladas pela dimensão da prática social de leitura. Não se trata, apenas, de um exercício de leitura de poemas, e sim de construção coletiva de significado; o aluno produz sentido a

partir do diálogo com o texto (poemas) e com a leitura de outros colegas – ou de outros textos, intertextualidade. Possibilitando, assim, ao estudante conhecer um pouco mais da história de Portugal e da construção de sua sociedade, inclusive a que vivemos, pois uma interfere diretamente na outra.

#### **4.3.4 Aula 4 e 5: Apresentação de seminário sobre a poesia lírica**

Aula destinada à prática social da leitura a partir da experiência de leitura realizada fora do ambiente escolar e em grupos; onde os alunos realizarão a apresentação dos seminários, atividade solicitada na primeira aula (item 4.3.1). Para isso, cada grupo deverá apresentar a sua leitura do poema e explicá-lo aos seus colegas. Tanto os discentes, quanto o docente realizam questionamentos para o grupo acerca do poema: qual seu assunto, a sua complexidade, qual o dilema trazido pelo autor, o modo como esse poema pode ainda nos tocar (atualidade da obra) e questões de interpretação. O professor se posiciona como o mediador da leitura, a fim de que os alunos se apropriem de outros discursos (não somente dos poemas, mas sim de toda a sequência didática) para a construção do seu. Assim, os estudantes expõem a sua opinião e produzem uma atitude responsiva a partir da leitura dos colegas.

Cabe destacar que para a avaliação, é analisado não só o empenho e a dedicação com que cada integrante do grupo apresenta o poema, como também são avaliados os alunos questionadores, aqueles que farão perguntas pertinentes aos colegas.

#### **4.3.5 Aula 6: Atividade de verificação de leitura**

Aula destinada a realização de uma atividade de verificação de leitura, dividida em duas etapas. Primeiro, cada aluno realizará uma questão de prova objetiva a partir da escolha de um poema estudado em sala de aula; após o aluno elaborará cinco afirmações – uma correta e quatro erradas – acerca do poema selecionado, podendo consultar o material utilizado em aula. Posteriormente esta questão será respondida por outro colega. O colega deverá, além de apontar a alternativa correta, explicar o porquê das outras estarem erradas. Com essa atividade, os alunos desenvolvem outro tipo de leitura da poesia.

#### **4.4 Avaliação**

A avaliação dos alunos é realizada gradativamente, sendo processual e contínua ao decorrer de todo o projeto. O engajamento nas tarefas preparatórias, durante o projeto, é essencial para os alunos atingirem um desempenho satisfatório ao fim da atividade. O professor leva em consideração a participação dos estudantes nos debates, assim como o desenvolvimento de uma atitude reflexiva que se concretiza na apresentação do seminário.

A construção de uma nota/conceito final não se fixa na quantidade de numérica em que o aluno tirou em uma das duas atividades (seminário e verificação de leitura). Para a avaliação, o professor atenta também, para a participação do aluno em aula, o seu comprometimento e empenho na atividade realizada, além da dedicação e responsabilidade com que questiona os colegas durante a apresentação de seus seminários.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de minha experiência em sala de aula, realizando observações em uma escola, percebo o quão importante é estudar as obras literárias. A leitura constitui os sujeitos, situados numa realidade sócio-histórica, numa rede de ideologias e, principalmente, numa sociedade. Para o aluno ser sujeito ativo no meio em que vive, ele precisa ter acesso à informação, precisa vivenciar experiências (de leitura), debater, ouvir outras opiniões (práticas sociais) para, então, ser capaz de se posicionar criticamente e de buscar os ideais e mudanças em que acredita. Em razão disso, o objeto do ensino de Literatura é o texto literário.

Como apresentado no capítulo 3, a escola exerce um papel de grande motivadora para as leituras; porém, ela não está contribuindo para a formação de leitores literários. É preciso que as aulas sejam planejadas envolvendo a leitura efetiva de obras literárias, e não apenas textos sobre as obras. O professor é o responsável pela seleção das obras a serem trabalhadas ao longo de todo o Ensino Médio e deve levar em conta todo o contexto em que a escola está inserida. Também, principalmente, o conhecimento prévio do aluno para dar continuidade a sua formação, bem como, realizar o contrato de leitura com os alunos.

Para dar continuidade à formação literária é necessário que se realize a apresentação dos clássicos aos alunos, pois é nesse espaço escolar que muitos terão o conhecimento das obras. Sabendo, assim, de sua existência e de sua importância não só para as aulas de literatura, mas para a noção da sociedade e percebendo a atualidade da obra. Dessa forma, promove-se o interesse do aluno na leitura e, a partir dos clássicos, ele é capaz de formar o seu clássico (ou o seu próprio discurso), cumprindo assim o letramento literário.

Toda a formação de leitores de literatura parte de algo anterior, de eventos de letramento realizados desde a infância. Por isso é possível a construção dessa formação literária ter início e continuidade na escola. Entretanto, é um longo percurso – esse processo inicia-se na Educação Infantil e tem continuidade no Ensino Fundamental, para que os alunos cheguem ao Ensino Médio já com o conhecimento dos diferentes gêneros discursivos e principalmente, de como a sociedade é composta por discursos. A literatura é uma grande ferramenta que dá acesso a outros discursos que constroem uma sociedade. Assim, é possível que o aluno saia do Ensino Médio com um *letramento literário*.

Parafraseando Britto (2004) é papel da escola garantir o acesso às obras literárias e aos discursos que se organizam a partir delas, como o contexto histórico-social-cultural e toda a intertextualidade que as envolve. Dessa maneira, o aluno realiza práticas sociais dentro da sala de aula, contemplando a sua experiência de leitura.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – Documento preliminar*. MEC. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, volume 1. Brasília, DF, 2006.

BRITTO, L. P. L. *O ensino escolar da língua portuguesa como política lingüística: ensino de escrita x ensino da norma*. Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana, 2(1), 2004. pp.119-140.

CANDIDO, Antônio. *Direito à literatura*. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: ISBN, 5ª edição, 2011.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo : Parábola, 2013.

DI FANTI, M. G. C. Gêneros do discurso. In V. N. Flores, L. B. Barbisan, M. J. B. Finnatto, & M. Teixeira (Orgs.), *Dicionário de lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto. 2009. p. 132-133.

FILIPOUSKI, A. M., Marchi, D., & Simões, L. J. Língua Portuguesa e Literatura. In Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, *Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Porto Alegre: SEDUCRS/DP, 2009.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.

MORAES, André Carlos. *Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011*. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PESSOA, Fernando. *Obra de Fernando Pessoa*. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/>>. Acesso em 13/05/2016.

RANCIÈRE, Jacques. *Uma aventura intelectual*. In: O mestre ignorante. Trad. L. do Vale. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-38.

Retratos da leitura no Brasil / São Paulo: Instituto Pró-livro, 2012. Disponível em <[http://prolivro.org.br/home/images/relatorios\\_boletins/3\\_ed\\_pesquisa\\_retratos\\_leitura\\_IPL.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf)>. Acesso em 28/04/2016.

SIMÕES, Luciene Juliano. *Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura*; colaboração de Ana Mariza Filipouski, Diana Marchi e Joice Welter Ramos; ilustrações de Eloar Guazzelli. Erechim; Edelbra, 2012.

ZILBERMAN, Regina. *Que literatura para que escola? Que escola para a literatura*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – v. 5 – n. 1 – 9-20 – jan./jun. 2009.

## ANEXOS

### Anexo 1

#### **Contexto histórico de Portugal**

1890: Ultimatum inglês (Portugal deveria retirar suas tropas dos países africanos) e declínio da monarquia portuguesa.

1910-1926: Período da República – Grande período de instabilidade política (9 presidentes)

Tentativa de modernização de Portugal, o que favoreceu a difusão das ideias modernistas.

1926-1974: Ditadura – governo de Salazar

#### **Modernismo português**

1915: publicação da revista *ORPHEU* – duas edições.

Principais nomes: Mario de Sá-carneiro

Fernando Pessoa

Luís de Montalvor

Almada negreiros

#### **FERNANDO PESSOA (1888 – 1935)**

Nascido em 1888 na cidade de Lisboa, passa a maior parte da juventude em Durban, cidade localizada no sul da África, onde é educado em uma escola inglesa. Devido a isso, inicia sua carreira com a escrita de poemas em língua inglesa. No regresso a Portugal, em 1905, inicia os estudos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde não completa nem um ano de estudos.

#### **Ortônimo** (orto = correto)

Refere-se a poesia do eu lírico Fernando Pessoa.

Dualidade: Eu lírico (a voz da poesia) x Eu empírico (escritor propriamente dito)

Razão x Sensação – razão para explicar o que se sente

Consciência x Inconsciência

Sinceridade x Fingimento – a poesia é fingimento, pode-se falar sobre tristeza em um poema, e não é necessário que se esteja triste; porém, não é mentira!

Os poemas possuem extrema musicalidade e sonoridade.

#### **Heterônimos** (hetero = diferente)

São personagens criados por Fernando Pessoa que possuem:

Nome próprio

Biografia

Obra com estilo próprio

A partir dessa criação, Fernando Pessoa dialoga, a partir de cartas, com os heterônimos: Ricardo Reis, Álvaro de Campos e, o mestre de todos, Alberto Caeiro.

**RICARDO REIS (1887 – ?)**

Nascido em 1887 na cidade do Porto, formou-se em medicina. Em 1919 foi morar no Brasil.

Heterônimo de estilo *neoclássico*, onde há a revalorização da cultura greco-latina. Escritor de odes.

É defensor do *epicurismo* – o ser humano existe para o prazer, sendo a sua busca constante, e, como a vida é breve, tem que se aproveitar cada momento.

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.*

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.  
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos  
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.  
(Enlacemos as mãos).

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida  
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,  
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,  
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.  
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.  
Mais vale saber passar silenciosamente  
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,  
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,  
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,  
E sempre iria ter ao mar.

**ALBERTO CAEIRO (1889 – 1915)**

Nascido em 1889 na cidade de Lisboa. *É o mestre* dos outros heterônimos, inclusive de Fernando Pessoa.

Heterônimo que vive no meio da *natureza* e da tranquilidade.

O seu objetivo é a *busca pelo não pensar*.

O ser humano sempre tenta refletir e explicar sobre alguma coisa. A coisa em si, simplesmente existe, a preocupação está no objeto concreto, e não no pensar.

Tentativa da dissociação entre razão e sentido.

Escreveu três livros: “O Guardador de Rebanhos”, “O Pastor Amoroso”, “Poemas Inconjuntos”

***VII - Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...***

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena



Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
 Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,  
 Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,  
 Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,  
 E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

**ÁLVARO DE CAMPOS (1890 – 1935)**

Engenheiro  
 Alter ego de Fernando Pessoa.  
 Heterônimo *niilista*, rebelde e agressivo.  
*Nega tudo*, toda e qualquer ideia ou teoria.  
 Ser *solitário*.  
 Publicou na revista Orpheu.

*LISBON REVISITED*  
 (1923)

Não: não quero nada  
 Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!  
 A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!  
 Não me falem em moral!  
 Tirem-me daqui a metafísica!  
 Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas  
 Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —  
 Das ciências, das artes, da civilização moderna!  
 [...]

Não me peguem no braço!  
 Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.  
 Já disse que sou sozinho!  
 Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!  
 [...]

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...  
 E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

**Semi-heterônimo: BERNARDO SOARES**

É considerado um semi-heterônimo pois não possui um estilo de escrita próprio. Como o próprio Fernando Pessoa descreveu: "*Não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e afectividade.*"  
 Autor de "Livro do desassossego".

**Anexo 2****Autopsicografia**

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

**Isto**

Dizem que finjo ou minto  
Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,  
O que me falha ou finda,  
É como que um terraço  
Sobre outra coisa ainda.  
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio  
Do que não está ao pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é.  
Sentir? Sinta quem lê!

**Qualquer música**

Qualquer música, ah, qualquer,  
Logo que me tire da alma  
Esta incerteza que quer  
Qualquer impossível calma!

Qualquer música — guitarra,  
Viola, harmónio, realejo...  
Um canto que se desgarra...  
Um sonho em que nada vejo...

Qualquer coisa que não vida!

Jota, fado, a confusão  
 Da última dança vivida...  
 Que eu não sinta o coração!

### **Ela canta, pobre ceifeira**

Ela canta, pobre ceifeira,  
 Julgando-se feliz talvez;  
 Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
 De alegre e anónima viuvez,

Ondula como um canto de ave  
 No ar limpo como um limiar,  
 E há curvas no enredo suave  
 Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,  
 Na sua voz há o campo e a lida,  
 E canta como se tivesse  
 Mais razões para cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!  
 O que em mim sente está pensando.  
 Derrama no meu coração  
 A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
 Ter a tua alegre inconsciência,  
 E a consciência disso! Ó céu!  
 Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!  
 Entrai por mim dentro! Tornai  
 Minha alma a vossa sombra leve!  
 Depois, levando-me, passai!

### **Não sei se é sonho, se realidade**

Não sei se é sonho, se realidade,  
 Se uma mistura de sonho e vida,  
 Aquela terra de suavidade  
 Que na ilha extrema do sul se olvida.  
 É a que ansiamos. Ali, ali  
 A vida é jovem e o amor sorri

Talvez palmares inexistentes,  
 Áleas longínquas sem poder ser,  
 Sombra ou sossego dêem aos crentes  
 De que essa terra se pode ter  
 Felizes, nós? Ali, talvez, talvez,

Naquela terra, daquela vez,

Mas já sonhada se desvirtua,  
 Só de pensá-la cansou pensar;  
 Sob os palmares, à luz da lua,  
 Sente-se o frio de haver luar  
 Ah, nesta terra também, também  
 O mal não cessa, não dura o bem.

Não é com ilhas do fim do mundo,  
 Nem com palmares de sonho ou não,  
 Que cura a alma seu mal profundo,

### **Viajar! Perder países!**

Viajar! Perder países!  
 Ser outro constantemente,  
 Por a alma não ter raízes  
 De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!  
 Ir em frente, ir a seguir  
 A ausência de ter um fim,  
 E da ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.  
 Mas faço-o sem ter de meu  
 Mais que o sonho da passagem.  
 O resto é só terra e céu.

### **Não sei quantas almas tenho**

Não sei quantas almas tenho.  
 Cada momento mudei.  
 Continuamente me estranho.  
 Nunca me vi nem achei.  
 De tanto ser, só tenho alma.  
 Quem tem alma não tem calma.  
 Quem vê é só o que vê,  
 Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,  
 Torno-me eles e não eu.  
 Cada meu sonho ou desejo  
 É do que nasce e não meu.  
 Sou minha própria paisagem,  
 Assisto à minha passagem,  
 Diverso, móbil e só,  
 Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
 Como páginas, meu ser  
 O que segue não prevendo,  
 O que passou a esquecer.  
 Noto à margem do que li  
 O que julguei que senti.  
 Releio e digo: “Fui eu?”  
 Deus sabe, porque o escreveu

### **Natal... Na província neva**

Natal... Na província neva.  
 Nos lares aconchegados,  
 Um sentimento conserva  
 Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,  
 Como a família é verdade!  
 Meu pensamento é profundo,  
 Estou só e sonho saudade.

E como é branca de graça  
 A paisagem que não sei,  
 Vista de trás da vidraça  
 Do lar que nunca terei!

### **Liberdade**

(Falta uma citação de Séneca)

Ai que prazer  
 Não cumprir um dever,  
 Ter um livro para ler  
 E não o fazer!  
 Ler é maçada,  
 Estudar é nada.  
 O sol doira  
 Sem literatura.  
 O rio corre, bem ou mal,  
 Sem edição original.  
 E a brisa, essa,  
 De tão naturalmente matinal,  
 Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.  
 Estudar é uma coisa em que está indistinta  
 A distinção entre nada e coisa nenhuma.  
 Quanto é melhor, quanto há bruma,  
 Esperar por D. Sebastião,

Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...

Mas o melhor do mundo são as crianças,

Flores, música, o luar, e o sol, que peca

Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto

É Jesus Cristo,

Que não sabia nada de finanças

Nem consta que tivesse biblioteca...

### **Pobre Velha Música**

Pobre velha música!

Não sei porque agrado,

Enche-se de lágrimas

Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.

Não sei se te ouvi

Nessa minha infância

Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva

Quero aquele outrora!

E eu era feliz? Não sei:

Fui-o outrora agora.

## **Anexo 3**

*Chuva oblíqua* – Fernando Pessoa

### **Modernismo Português**

Inicia-se com a publicação da Revista Orpheu – vanguardas futuristas, expressionistas

Temas comuns: vida moderna, velocidade, rapidez com que as coisas ocorrem, era das máquinas

Chuva oblíqua

Poema publicado na segunda edição da *Revista ORPHEU*, em 1915.

É um poema interseccionista, composto por seis partes. Cada parte representa um lado de um cubo, que se intersectam e se cruzam.

#### Vanguarda Interseccionismo:

- Intersecção e cruzamento de ideias e sensações
- Processo criativo usado pelos pintores futuristas

Chuva – algo na vertical, de cima para baixo

Oblíqua – dá a ideia de inclinado, torto, algo na diagonal

Lá fora vai um redemoinho de sol os cavalos do carroussel ... (poema V)

Lá fora vai um redemoinho de sol os cavalos do *carroussel* ...  
 Árvores, pedras, montes, bailam parados dentro de mim...  
 Noite absoluta na feira iluminada, luar no dia de sol lá fora,  
 E as luzes todas da feira fazem ruído dos muros do quintal...  
 Ranchos de raparigas de bilha à cabeça  
 Que passam lá fora, cheias de estar sob o sol,  
 Cruzam-se com grandes grupos peganhentos de gente que anda na feira,  
 Gente toda misturada com as luzes das barracas com a noite e com o luar,  
 E os dois grupos encontram-se e penetram-se  
 Até formarem só um que é os dois...  
 A feira e as luzes da feira e a gente que anda na feira,  
 E a noite que pega na feira e a levanta ao ar,  
 Andam por cima das copas das árvores cheias de sol,  
 Andam visivelmente por baixo dos penedos que luzem ao sol,  
 Aparecem do outro lado das bilhas que as raparigas levam à cabeça,  
 E toda esta paisagem de Primavera é a lua sobre a feira,  
 E toda a feira com ruídos e luzes é o chão deste dia de sol...  
De repente alguém sacode esta hora dupla como numa peneira  
E, misturado, o pó das duas realidades cai  
 Sobre as minhas mãos cheias de desenhos de portos  
 Com grandes naus que se vão e não pensam em voltar...  
 Pó de oiro branco e negro sobre os meus dedos...  
 As minhas mãos são os passos daquela rapariga que abandona a feira,  
 Sozinha e contente como o dia de hoje...

O maestro sacode a batuta, (poema VI)

O maestro sacode a batuta,  
 E lânguida e triste a música rompe...  
 Lembra-me a minha infância, aquele dia  
 Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal  
 Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado  
 O deslizar dum cão verde, e do outro lado  
 Um cavalo azul a correr com um *jockey* amarelo,  
 Prossegue a música, e eis na minha infância  
 De repente entre mim e o maestro, muro branco,  
 Vai e vem a bola, ora um cão verde,  
 Ora um cavalo azul com um *jockey* amarelo...  
 Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância  
 Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,  
 Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal  
 Vestida de cão verde tornando-se *jockey* amarelo...  
 (Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...)  
 Atiro-a de encontro à minha infância e ela  
 Atravessa o teatro todo que está aos meus pés  
 A brincar com um *jockey* amarelo e um cão verde  
 E um cavalo azul que aparece por cima do muro

Do meu quintal... E a música atira com bolas  
 À minha infância... E o muro do quintal é feito de gestos  
 De batuta e rotações confusas de cães verdes  
 E cavalos azuis e *jockeys* amarelos...  
 Todo o teatro é um muro branco de música  
 Por onde um cão verde corre atrás da minha saudade  
 Da minha infância, cavalo azul com um *jockey* amarelo...  
 E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,  
 Onde há árvores e entre os ramos ao pé da copa  
 Com orquestras a tocar música,  
 Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei  
 E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância...  
 E a música cessa como um muro que desaba,  
 A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,  
 E do alto dum cavalo azul, o maestro, *jockey* amarelo tornando-se preto,  
 Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,  
 E curva-se sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,  
 Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

#### Anexo 4

##### *Mensagem* – Fernando Pessoa

- Única obra em Língua Portuguesa publicado em vida por Fernando Pessoa, em 1934.
- *Nova epopeia portuguesa*, com poemas narrativos.
- Reflexão do passado e do presente português
- Composta por três partes: “Brasão” – descrição da nobreza de Portugal  
 “Mar português” – grandes navegações (tempos de glória)  
 “O Encoberto” – período sebastianista (melancolia) e situação decadente da sociedade portuguesa

##### **O INFANTE**

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
 Deus quis que a terra fosse toda uma,  
 Que o mar unisse, já não separasse.  
 Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,  
 Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
 E viu-se a terra inteira, de repente,  
 Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.  
 Do mar e nós em ti nos deu sinal.

Infante:



Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
 Senhor, falta cumprir-se Portugal!

### **PADRÃO**

O esforço é grande e o homem é pequeno.  
 Eu, Diogo Cão, navegador, deixei  
 Este padrão ao pé do areal moreno  
 E para diante naveguei.

Padrão:

A alma é divina e a obra é imperfeita.  
 Este padrão sinala ao vento e aos céus  
 Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
 O por-fazer é só com Deus.

Diogo cão:

E ao imenso e possível oceano  
 Ensinam estas Quinas, que aqui vês,  
 Que o mar com fim será grego ou romano:  
 O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma  
 E faz a febre em mim de navegar  
 Só encontrará de Deus na eterna calma  
 O porto sempre por achar.

### **MAR PORTUGUÊS**

São lágrimas de Portugal!  
 Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
 Quantos filhos em vão rezaram!  
 Quantas noivas ficaram por casar  
 Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
 Quem quer passar além do Bojador  
 Tem que passar além da dor.  
 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
 Mas nele é que espelhou o céu.

### **NOITE**

A nau de um deles tinha-se perdido  
 No mar indefinido.  
 O segundo pediu licença ao Rei

De, na fé e na lei  
 Da descoberta, ir em procura  
 Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
 Volveu do fim profundo  
 Do mar ignoto à pátria por quem dera  
 O enigma que fizera.  
 Então o terceiro a El-Rei rogou  
 Licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um cativo, o ouvem a passar  
 Os servos do solar.  
 E, quando o vêem, vêem a figura  
 Da febre e da amargura,  
 Com fixos olhos rasos de ânsia  
 Fitando a proibida azul distância.

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome  
 O Poder e o Renome —  
 Ambos se foram pelo mar da idade  
 À tua eternidade;  
 E com eles de nós se foi  
 O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil  
 Nossa prisão servil:  
 É a busca de quem somos, na distância  
 De nós; e, em febre de ânsia,  
 A Deus as mãos alçamos.  
 Mas Deus não dá licença que partamos.

## **NEVOEIRO**

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
 Define com perfil e ser  
 Este fulgor baço da terra  
 Que é Portugal a entristecer —  
 Brilho sem luz e sem arder  
 Como o que o fogo-fátuo encerra.  
 Ninguém sabe que coisa quer.

Ninguém conhece que alma tem,  
 Nem o que é mal nem o que é bem.  
 (Que ânsia distante perto chora?)

Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro.  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...  
É a hora!

*Valete, Fratres.*